

**Perfil de Educação Financeira dos Discentes de Graduação e Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior Brasileiras**

**Financial Education Profile of Undergraduate and Graduate Students of Brazilian Higher Education Institutions**

**Perfil de educación financiera de estudiantes de pregrado y posgrado de instituciones de educación superior brasileñas**

Recebido: 29/10/2020 | Revisado: 20/11/2020 | Aceito: 08/12/2020 | Publicado: 08/12/2020

**Sara Costa Leal**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3653-3303>

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

E-mail: saralealc9@gmail.com

**Dinah Vieira dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7502-8559>

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

E-mail: dinahvs29@gmail.com

**Patrícia de Souza Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5087-1419>

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

E-mail: patricia.costa@ufu.br

**Resumo**

O objetivo desta pesquisa foi identificar os níveis de educação financeira percebido e praticado pelos estudantes de graduação e de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras de diferentes áreas de conhecimento e em diferentes graus de escolaridade. Esses níveis de educação financeira foram aferidos por meio da aplicação de um questionário *online*, para o qual foram recebidas 727 respostas válidas. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, testes de hipóteses e regressão linear múltipla. Os resultados da investigação demonstram que os estudantes das IES brasileiras

têm nível de educação financeira acima da média, porém subestimam o real conhecimento sobre finanças que possuem. Além disso, as áreas de conhecimento e as características socioeconômicas dos estudantes se mostraram relevantes na determinação dos níveis de educação financeira real e percepção. Este estudo contribui ao demonstrar que é relevante avaliar a percepção dos estudantes, bem como o nível real de educação financeira. Além disso, o estudo, de maneira pioneira, mostra que na prática, os resultados dessa pesquisa reforçam o papel das IES como fonte de educação financeira na sociedade e alerta para que estas fortaleçam a sua atuação, mobilizando-se para promover mais acesso a educação financeira para estudantes e para a comunidade.

**Palavras-chave:** Educação Financeira; Percepção; Nível Real de Educação Financeira; Fatores Socioeconômicos e Demográficos.

#### **Abstract**

The objective of this research was to identify the levels of financial education perceived and practiced by undergraduate and graduate students of Higher Education Institutions in Brazil (HEI) from different areas of education and in different degrees of schooling knowledge. These levels of financial education they have were assessed through the application of an online questionnaire, to which 727 valid responses were received. The data were formed using descriptive statistics, hypothesis tests and multiple linear regression. The results of the investigation show that students from Brazilian HEIs have an above average financial education level, but underestimate the real about financial knowledge they have. In addition, students' areas of knowledge and socioeconomic characteristics differ in determining levels of real financial education and perception. This study contributes by demonstrating that it is relevant to assess the perception of students, as well as the real level of financial education. In addition, the study, in a pioneering way, shows that in practice, the results of this research reinforce the role of Higher Education Institutions as a source of financial education in society and warns them to strengthen their performance, mobilizing themselves to promote more access to financial education for students and the community.

**Keywords:** Financial Education; Perception; Real Level of Financial Education; Socioeconomic and Demographic Factors.

## Resumen

El objetivo de esta investigación fue identificar los niveles de educación financiera percibidos y practicados por estudiantes de pregrado y posgrado de Instituciones de Educación Superior (IES) brasileñas de diferentes áreas de conocimiento y en diferentes niveles de educación. Estos niveles de educación financiera se evaluaron mediante un cuestionario en línea, al que se recibieron 727 respuestas válidas. Los datos se analizaron mediante estadística descriptiva, pruebas de hipótesis y regresión lineal múltiple. Los resultados de la investigación muestran que los estudiantes de las IES brasileñas tienen un nivel de educación financiera superior al promedio, pero subestiman su conocimiento real de las finanzas. Además, las áreas de conocimiento y las características socioeconómicas de los estudiantes resultaron ser relevantes para determinar los niveles de educación y percepción financiera reales. Este estudio contribuye al demostrar que es relevante para evaluar la percepción de los estudiantes, así como el nivel real de educación financiera. Además, el estudio, de forma pionera, muestra que en la práctica, los resultados de esta investigación refuerzan el papel de las IES como fuente de educación financiera en la sociedad y les advierte que fortalezcan su desempeño, movilizándose para promover un mayor acceso a la educación. apoyo financiero para los estudiantes y la comunidad.

**Palabras clave:** Educación Financiera; Percepción; Nivel Real de Educación Financiera; Factores Socioeconómicos y Demográficos.

## Introdução

A educação financeira é um fator preponderante na vida das pessoas, no âmbito familiar, social, escolar, profissional e individual (Cude, Lawrence, Lyons, Metzger, LeJeune, Marks & Machtmes, 2006). Quando inserido desde a infância por meio da família e da escola, o conhecimento financeiro torna o indivíduo capaz de gerir seus recursos e fazer escolhas adequadas na adolescência e, conseqüentemente, na vida adulta (Gorla, Magro, Silva & Nakamura, 2016).

Entretanto, alguns estudos evidenciam que jovens universitários possuem baixo nível de alfabetização financeira (Alves, Silva & Bressan, 2011; Cude et al., 2006). As conseqüências disso vão além da má gestão de seus recursos durante e após o período

universitário e do endividamento, podendo interferir na saúde e no desempenho do estudante no curso (Bodvarsson & Walker, 2004; Cude et al., 2006). Assim, “caso não ocorra uma melhoria neste processo, os futuros adultos podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus próprios recursos e os gastos de suas famílias” (Gorla et al., 2016, p. 20).

Quando analisados os meios que estudantes universitários adquirem educação financeira, a oferta de cursos sobre finanças pessoais na faculdade mostra-se como uma ferramenta eficaz (Peng, Bartholomae, Fox & Cravener, 2007). Neste sentido, alguns autores encontraram correlação positiva entre a educação financeira e o curso de graduação em Ciências Contábeis (Alves et al., 2011; Dias, 2017; Lizote & Verdinelli, 2014; Medeiros & Lopes, 2014), como também em cursos da área de negócios, como Administração, Economia (Lopes, Badio, Coimbra, Pozzan & Biazoto, 2014; Vieira, Bataglia & Sereia, 2011), indicando que os alunos desses cursos possuem um maior nível de educação financeira. No entanto, são escassos os trabalhos que medem o nível de educação financeira de alunos de graduação e de pós-graduação de outras áreas de conhecimento (Ergün, 2017).

Na literatura são encontrados alguns estudos sobre a relação de aspectos socioeconômicos e demográficos com a educação financeira (por exemplo: Gorla et al., 2016; Lizote & Verdinelli, 2014; Potrich, Vieira & Kirch, 2015;), entretanto, os resultados dessas pesquisas não são unânimes, o que indica a necessidade de mais investigação. Além disso, a maioria desses estudos mensuram o nível de educação financeira considerando a percepção dos estudantes, sem levantar o conhecimento real dos discentes sobre o assunto. Dessa forma, possíveis diferenças que possam existir entre a percepção e o nível real de educação financeira dos discentes têm sido pouco exploradas.

Considerando este contexto, em que a educação financeira tem sido pouco explorada para além das áreas de negócios e do campo da autopercepção dos estudantes sobre seus conhecimentos financeiros, define-se como objetivo desta pesquisa identificar os níveis de educação financeira percebido e praticado pelos estudantes de graduação e de pós-graduação das Instituições de Ensino Superior brasileiras de diferentes áreas de conhecimento e em diferentes graus de escolaridade.

Este estudo é relevante porque contribui com as discussões sobre o tema ao

explorar as diferenças entre o nível real e o nível de percepção de educação financeira dos estudantes brasileiros, em diferentes graus de escolaridade, explorando também cursos de outras áreas de conhecimento, além dos cursos da área de negócios. Na prática, os resultados desse estudo podem auxiliar as coordenações dos cursos de graduação e de pós-graduação na avaliação do conteúdo sobre educação financeira presente em seus projetos político pedagógicos, considerando as várias áreas de conhecimento (Felipe, Oliveira & Botinha, 2016), de forma a fortalecer o papel das IES brasileiras como instituições de fomento da educação financeira do cidadão.

## **Referencial Teórico**

### **Educação Financeira: definições e mensuração**

As decisões financeiras, tais como economizar ou gastar dinheiro, fazem parte do cotidiano dos indivíduos economicamente ativos, e a educação financeira possibilita que essas decisões sejam tomadas de forma consciente (Vieira et al., 2011). Por isso, buscar conhecimento financeiro tem sido considerado necessário, a fim de se evitar que o pouco entendimento sobre o tema leve as pessoas a tomarem decisões financeiras prejudiciais às suas finanças pessoais (McKinney, Mukherjee, Wade, Shefman & Breed, 2015).

Ao estudar os aspectos culturais de um país é possível identificar o comportamento financeiro do seu povo. No Brasil, a cultura financeira local caracteriza-se pela necessidade que as pessoas têm de acumular e demonstrar os bens adquiridos como forma de definir a linha de chegada da riqueza própria ou para que se sintam financeiramente satisfeitos (Cerbasi, 2005).

A diminuição da distância entre o consumidor e o produto promovida pelas estratégias de marketing e pelo crescimento tecnológico no país aumentaram as oportunidades de compra. Esse contexto, somado à cultura financeira local, explicita a importância da educação financeira no país para que os brasileiros possam fazer consumo consciente, além de investimentos que melhorem o seu bem-estar financeiro (Vieira et al., 2011).

Em países como os Estados Unidos, a educação financeira está no foco de mediadores públicos e privados, como instituições governamentais e financeiras, há mais tempo do que no Brasil. Eles apoiam a criação de medidas que promovem a educação

financeira, tal qual a inserção de finanças pessoais como matéria na grade curricular de alunos do ensino médio (Savoia, Saito & Santana, 2007).

No Brasil, o tema é pouco discutido no âmbito do ensino, pois não havia até o ano de 2019 a inclusão oficial de educação financeira nas disciplinas escolares. No entanto, essa realidade pode mudar, uma vez a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) – que serve como referência para os currículos escolares brasileiros – estabeleceu que a educação financeira seria parte integrante dos componentes curriculares obrigatórios a partir do ano de 2020, o que pode contribuir para a melhoria no nível de educação financeira da população brasileira.

Apesar da importância social do tema, a educação financeira ainda é pouco discutida em publicações acadêmicas e científicas (Felipe et al., 2016; Piccoli & Silva, 2015; Vieira et al., 2011). Sua mensuração nos estudos tem sido realizada a partir da percepção do indivíduo (o nível de conhecimento que o respondente pensa ter) e/ou do nível real de educação financeira do indivíduo (o nível de conhecimento que o respondente realmente tem sobre finanças) (Huzdik, Béres & Németh, 2014; Xiao & Porto, 2017).

No estudo de Alves et al. (2011) foi avaliado o nível real de educação financeira de alunos de Ciências Contábeis de uma universidade privada do Rio de Janeiro, sendo os resultados comparados com aqueles de uma pesquisa que analisou alunos norte-americanos na graduação. Segundo os resultados, os discentes da universidade brasileira foram classificados como tendo baixo nível de educação financeira, quando comparados com os alunos norte-americanos da pesquisa.

Xiao e Porto (2017) usaram a alfabetização financeira objetiva (AFO) e a subjetiva (AFS), tidas como conhecimento real e autoavaliação do conhecimento financeiro, respectivamente, para medir a influência das mesmas na associação entre educação e satisfação financeira de adultos norte-americanos. Os resultados apontaram que a autoavaliação do conhecimento teve forte relação com a educação e a satisfação financeira, diferentemente do conhecimento real, que apresentou correlação mais fraca.

Lopes et al. (2014), com um questionário aplicado a alunos dos cursos da área de negócios de uma universidade privada do estado de São Paulo, utilizaram as variáveis conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira para mensurar a percepção e o nível real de educação financeira. Os resultados apontaram que, para as três

variáveis analisadas, os alunos obtiveram nível de educação financeira superior ao que era esperado.

Huzdik et al. (2014) analisaram a percepção e o conhecimento financeiro real de estudantes de diversos cursos de duas universidades da Hungria. Os resultados apontaram que 59% dos alunos tinham nível real de conhecimento de finanças e economia. Ao comparar esse resultado com a percepção dos estudantes, os autores encontraram que 11% subestimaram o seu conhecimento financeiro e 30% o superavaliaram.

Ferreira (2017) mensurou a percepção e o nível real de educação financeira por meio de um questionário aplicado a alunos de todos os cursos de uma universidade pública de Minas Gerais. Os resultados mostraram que os estudantes têm nível regular de educação financeira e que possuem dificuldades ao lidar com planejamento financeiro e reservas financeiras. Além disso, as questões sobre investimentos indicaram que os alunos se avaliam com nível de educação financeira maior do que o que realmente possuem.

A revisão da literatura evidencia a importância de se considerar, na mensuração do nível de educação financeira, não apenas a percepção dos indivíduos, mas também o nível real de educação financeira que possuem. Ratificando a importância dessas duas perspectivas (percepção e real) em relação ao nível de educação financeira, Huzdik et al. (2014) na Hungria e Ferreira (2017) em Minas Gerais, Brasil, demonstraram que há distorção na percepção dos estudantes universitários em relação ao nível de educação financeira real que possuem. Para ampliar o horizonte amostral do estudo de Ferreira (2017) para instituições de ensino superior de todo o Brasil, a primeira hipótese a ser testada na presente pesquisa é:

**H1: Os discentes de instituições de ensino superior brasileiras superestimam o nível de educação financeira que possuem.**

### **Variáveis que influenciam o Nível de Educação Financeira (NEF)**

A relação do nível de educação financeira com diversas variáveis demográficas e socioeconômicas tem sido analisada por vários autores (Quadro 1). Em relação ao gênero, os resultados dos estudos não são unânimes em relação a sua afetação no NEF dos indivíduos. Gavurova, Huculova, Kubak e Cepel (2017) encontraram que mulheres têm níveis mais altos de educação financeira do que homens, enquanto Bucher-Koenen,

Lusardi, Alessie e Rooij (2017) identificaram o contrário. Esses trabalhos investigaram estudantes oriundos de cursos da área de negócios e mesmo assim encontraram resultados divergentes. Isso demonstra, portanto, a necessidade de mais investigação sobre a relação gênero e NEF. Além disso, parece oportuna a realização de testes para outras área de conhecimento.

**Quadro 1- Síntese da relação entre o NEF e as variáveis demográficas e socioeconômicas**

Variáveis	Relação com o NEF	Autores
Gênero	Positiva, para o gênero masculino.	Medeiros e Lopes (2014), Potrich et al. (2015), Farrell, Fry e Risse (2015), Gorla et al. (2016), Bahovec, Barbić e Palić (2017), Bucher-Koenen et al. (2017), Ergün (2017).
	Positiva, para o gênero feminino.	Gavurova et al. (2017).
Idade	Negativa.	Lopes et al. (2014), Vieira, Valcanover, Brutti, Trindade e Kegler (2017), Ferreira (2017).
	Positiva.	Farrell, Fry e Risse (2015), Gorla et al. (2016).
Estado Civil	Negativa.	Medeiros e Lopes (2014), Lopes et al. (2014), Potrich, Vieira e Kirch (2015), Ferreira (2017).
Ocupação - Trabalho	Positiva	Vieira et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Medeiros e Lopes (2014), Ferreira (2017).
	Negativa.	Potrich et al. (2015).
Renda Pessoal	Positiva.	Lizote e Verdinelli (2014), Potrich et al. (2015).
Renda Familiar	Positiva.	Potrich et al. (2015), Ferreira (2017), Ergün (2017).
Mora com quem	Positiva – morar com os pais.	Vieira et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014).
Característica da moradia	Positiva.	Ergün (2017).
Número de dependentes	Positiva.	Potrich et al. (2015).
Período em que estuda	Positiva.	Vieira et al.(2011), Lizote e Verdinelli (2014), Gorla et al. (2016).
Notas	Positiva.	Cude et al. (2006).
Escolaridade	Positiva.	Potrich et al. (2015), Piccoli e Silva (2015), Ergün (2017).
Área de conhecimento - Cursos diversos	Positiva.	Alves et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Medeiros e Lopes (2014), Dias (2017), Vieira et al. (2011), Lopes et al. (2014), Ergün (2017).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quanto à idade, acredita-se que quanto mais velho é o indivíduo, maior o nível de educação financeira, porém alguns estudos não comprovaram essa relação, como por exemplo os estudos de Vieira et al. (2017) e Ferreira (2017). O estado civil não apresentou relação com o nível de educação financeira dos respondentes nos estudos analisados, seja para a amostra genérica (Potrich et al., 2015), seja para amostras específicas, com alunos de graduação (Medeiros & Lopes, 2014; Lopes et al., 2014; Ferreira, 2017).

A ocupação é outro fator com resultados de pesquisa diferentes do esperado.



Acredita-se que o indivíduo que possui uma ocupação no mercado de trabalho tenha maior conhecimento sobre educação financeira do que aquele que não trabalha, pois pressupõe-se que aquele seja um sujeito economicamente ativo. Porém, Potrich et al. (2015) não identificaram essa relação. A renda, tanto pessoal quanto familiar, se destaca pela relação positiva com a educação financeira. Alguns autores apontam que pessoas com rendas maiores tendem a gerir melhor seus recursos e a ter um bom nível de educação financeira (Lizote & Verdinelli, 2014; Potrich et al., 2015).

A moradia também reflete na vida financeira das pessoas. Estudos mostram que morar com os pais contribui para que menos empréstimos sejam tomados, uma vez que se tem a família como fonte geradora de renda (Lizote & Verdinelli, 2014; Vieira et al., 2011;). Quanto ao tipo de moradia, Ergün (2017) evidencia que pessoas que moram de aluguel têm mais conhecimento sobre suas finanças pessoais do que aquelas que moram com os pais.

A quantidade de dependentes que uma pessoa possui também é um fator de avaliação e correlação com a educação financeira. Quanto menos dependentes, mais propensa uma pessoa é de ter um nível mais alto de educação financeira (Potrich et al., 2015). Esse fato pode estar diretamente atrelado à renda, pois uma maior quantidade de dependentes impactará na quantidade de renda disponível, bem como na necessidade de geri-la adequadamente.

Quanto ao período do curso em que os alunos estão inseridos, Vieira et al. (2011) e Lizote e Verdinelli (2014) encontraram relação positiva com a educação financeira, o que indica que o nível de educação financeira cresce com o avanço dos estudos. Já em relação ao desempenho curricular, Cude et al. (2006) analisaram as notas de estudantes universitários e encontraram que a grande maioria apresentou um bom rendimento e que este estava atrelado ao conhecimento em finanças, ou seja, quanto maiores as notas, maior o nível de educação financeira.

Quanto à escolaridade, foram encontrados estudos que mediram a relação desta variável com o nível de educação financeira desde as séries mais elementares até o grau superior. Vieira et al. (2017) compararam os resultados dos alunos de ensino fundamental antes e depois da aplicação de um curso de educação financeira nas escolas, e constataram que o curso supriu parte do conhecimento financeiro dos alunos. Nessa linha de raciocínio, Batty, Collins e Odders-White (2014) identificaram que o conhecimento em

educação financeira impacta o comportamento dos alunos de ensino fundamental. Isso demonstra, portanto, a necessidade de os alunos aprenderem sobre gestão financeira desde os primeiros anos de escola.

Gorla et al. (2016), por sua vez, verificaram o grau de educação financeira de alunos do ensino médio de escolas públicas da cidade de Blumenau. Após a análise dos resultados, constatou-se que o planejamento financeiro dos alunos aumentava conforme avançavam nas séries do ensino médio. Estudantes que guardavam os recursos e os gastavam conforme o planejado, em sua maioria, tinham renda familiar maior. No entanto, eles apresentaram baixo nível de educação financeira.

Vieira et al. (2011) e Alves et al. (2011) analisaram estudantes brasileiros na graduação e encontraram relação positiva com o nível de educação financeira dos mesmos. Já Ergün (2017) analisou, em alguns países europeus, estudantes de graduação e pós-graduação, e seus achados demonstram que alunos doutorandos possuíam maior nível de educação financeira do que aqueles que estavam inseridos na graduação. O estudo de Potrich et al. (2015) também demonstrou que o nível de educação financeira aumenta à medida que o grau de escolaridade cresce. Nesse sentido, a segunda hipótese de pesquisa é:

**H2: O nível de educação financeira dos discentes possui relação positiva com o grau de escolaridade.**

Em muitos trabalhos a preocupação com a saúde financeira dos jovens universitários se estendeu para a análise de cursos específicos. Lizote e Verdinelli (2014), Dias (2017) e Medeiros e Lopes (2014) verificaram se alunos do curso de Ciências Contábeis tinham um bom nível de educação financeira e se a formação acadêmica escolhida contribuía com a gestão das finanças pessoais dos estudantes. Os resultados mostram que a maioria dos alunos sabia gerir suas finanças e que o curso contribuía com o aprendizado deles em educação financeira. Os achados confirmam o que é esperado dos alunos do referido curso, uma vez que se espera que sejam profissionais que saibam gerir tanto as finanças pessoais (Lizote & Verdinelli, 2014) quanto as empresariais (Dias, 2017).

Lopes et al. (2014) e Vieira et al. (2011) analisaram a educação financeira de alunos dos cursos da área de negócios – Ciências Contábeis, Economia e Administração. Os autores encontraram, respectivamente, que alunos de Economia e Contabilidade

possuíam bom nível de educação financeira; e que o desempenho acadêmico e o período do curso em que estavam inseridos tiveram influência no nível de educação financeira.

No estudo de Ergün (2017) é mensurado o nível de educação financeira de universitários de oito países da Europa. O autor encontrou que, dentre as áreas e cursos acadêmicos analisados, os estudantes da área de negócios faziam boa gestão de suas finanças pessoais. Já no trabalho de Huzdik et al. (2014) não houve relação entre os cursos observados e a educação financeira dos respondentes, embora a maioria fosse do curso de Economia, havendo também alunos de outras áreas de conhecimento.

Diante do exposto, verifica-se que as investigações sobre o nível de educação financeira têm se concentrado nos cursos pertencentes à área de negócios, da qual se espera que os alunos tenham adequado conhecimento sobre finanças pessoais. Assim, no presente estudo se estabelece uma terceira hipótese de pesquisa para testar o NEF em outras áreas de conhecimento, comparando-as com a área de negócios:

**H3: Os estudantes de cursos da área de negócios possuem maior nível de educação financeira do que aqueles de outras áreas de conhecimento.**

Outro ponto que chama a atenção é que os estudos revisados, apesar de investigarem o nível de educação financeira percepção e/ou real, relacionando esses níveis com diversas características sociodemográficas, não consideram que o NEF percepção e o NEF real podem ser afetados por características sociodemográficas distintas, o que pode ser uma explicação para a diferença entre o NEF real e NEF percepção, identificada nos estudos. Para investigar essa possível diferença entre as variáveis que afetam os níveis de educação financeira, uma quarta hipótese de pesquisa é estabelecida:

**H4: Os níveis de educação financeira real e percepção são afetados por características sociodemográficas distintas.**

## **Metodologia**

A pesquisa é exploratória, com abordagem quantitativa. O levantamento foi realizado por meio de um questionário online com link enviado por e-mail para cursos de graduação e de pós-graduação de todas as áreas de conhecimento de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Esse envio ocorreu entre março e abril de 2019.

O questionário foi desenvolvido com base nos estudos abordados na Figura 1. A validação do questionário foi realizada por meio de um pré-teste com quatro estudantes, sendo que dois deles responderam presencialmente o questionário e dois responderam a versão online. As sugestões dos respondentes no pré-teste foram avaliadas e incorporadas na versão final do questionário. Ele foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia e aprovado pelo mesmo.

O questionário foi composto por duas partes. A primeira tinha 21 afirmações e buscou caracterizar o respondente quanto aos aspectos pessoais, socioeconômicos e demográficos. A segunda parte possuía 32 afirmações sobre atitudes financeiras, em que os respondentes deveriam atribuir nota de 1 a 7 para cada afirmação, em que 1 significava ‘discordo totalmente’ e 7 ‘concordo totalmente’. Os itens continham afirmações que mediam tanto o nível de educação financeira assumido pelos respondentes (percepção financeira) quanto o nível real de educação financeira dos mesmos.

Foram obtidas 748 respostas de alunos de graduação e pós-graduação de IES brasileiras ao questionário online. Entretanto, foram necessárias exclusões de respondentes com menos de 18 anos por ser um requisito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexado ao questionário online. Também foram desconsideradas respostas de alunos de faculdades privadas devido ao objetivo do presente estudo quanto a amostra requerida. Por fim, nas questões de atribuir nota de 1 a 7, as respostas que divergiram desse intervalo foram desconsideradas. Assim, para a análise de dados foram obtidas 727 respostas validadas e a caracterização dos respondentes está apresentada na Tabela 1.

A média de idade dos respondentes é de 26 anos e a maior parte deles é do sexo feminino (60,39%) e solteira (81,84%). A amostra é equilibrada para discentes que trabalham (46,35%) e que não trabalham (53,65%). Mais de 60% dos respondentes têm renda familiar entre R\$ 1.000,00 e R\$ 6.000,00 e a maior parte da amostra é composta por estudantes de cursos de graduação (64,51%).

O nível de educação financeira (NEF) foi medido de três formas: média da percepção dos estudantes (MP), média real (MR) e a média geral (MG). A MP é resultado da média das notas das questões AFP1 à AFP21, enquanto a MR é representada pela média das respostas para as questões AFR22 à AFR32. A média geral (MG) é resultado da média entre a MP e MR.

**Tabela 1 – Caracterização dos respondentes**

<b>Idade (n=723)</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>
	26	7	18	61
<b>Sexo</b>	<b>Categoria</b>	<b>(n=727)</b>	<b>(%)</b>	
	Feminino	439	60,39	
	Masculino	288	39,61	
<b>Estado Civil</b>	<b>Categoria</b>	<b>(n=727)</b>	<b>(%)</b>	
	Casado(a)	116	15,96	
	Divorciado(a)	16	2,2	
	Solteiro(a)	595	81,84	
<b>Trabalha</b>	<b>Categoria</b>	<b>(n=727)</b>	<b>(%)</b>	
	Não	390	53,65	
	Sim	337	46,35	
<b>Renda familiar</b>	<b>Categoria</b>	<b>(n=727)</b>	<b>(%)</b>	
	Até 1 salário mínimo	45	6,19	
	De R\$ 1.000 a R\$ 3.000	233	32,05	
	De R\$ 3.001 a R\$ 6.000	211	29,02	
	De R\$ 6.001 a R\$ 10.000	131	18,02	
	Acima de R\$ 10.000	107	14,72	
<b>Escolaridade</b>	<b>Categoria</b>	<b>(n=727)</b>	<b>(%)</b>	
	Graduação	469	64,51	
	Especialização lato sensu	3	0,41	
	Mestrado	160	22,01	
	Doutorado	95	13,07	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. n = número de observações; (%) = percentual; Min.= mínimo; Max.= máximo.

As questões relacionadas à AFP (5, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 17 e 18) e à AFR (22, 23, 24, 25, 27, 29 e 30), que afetam negativamente o NEF, precisaram ser transformadas para o cálculo das médias. Por exemplo, os estudantes deram nota de 1 a 7 para a questão “AFP5 - Faço uso de cheque especial”, sendo que 7 representa maior concordância com a afirmação e 1 o contrário. Porém, o estudante que deu nota 7 para essa questão possui um menor NEF. Assim, para calcular esse nível foi necessário inverter essa pontuação da seguinte forma: a resposta 7 foi transformada em 1 para mostrar o baixo NEF. Da mesma forma, a nota 6 foi transformada em 2, e assim por diante.

As respostas dos estudantes sobre qual curso estavam matriculados possibilitou o agrupamento em áreas de conhecimento conforme a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2018).

Os dados foram analisados por meio do programa Stata 13. A análise dos dados envolveu descritivas, testes de hipótese e regressão linear múltipla. O teste de normalidade univariado de Shapiro-Francia foi utilizado para avaliar a aplicabilidade de testes de hipótese paramétricos e não paramétricos aos respectivos dados (Fávero, Belfiore, Silva & Chan, 2009). Para os outputs que seguiram uma distribuição normal (p-

valor  $> 0,05$ ), empregou-se o teste t de student para comparação de médias e, para os demais, utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis para medianas.

Para investigar se os aspectos sociais, demográficos e econômicos influenciam o nível de educação financeira dos estudantes, estabeleceu-se o modelo descrito na Equação 1 com base na literatura ilustrada na Tabela 1.

$$NEF_i = \alpha_i + \beta_1 IDADE_i + \beta_2 SEXO_i + \beta_3 EC_i + \beta_4 AREA_i + \beta_5 GRAU_i + \beta_6 CRA_i + \beta_7 TRAB_i + \beta_8 RENDA\_IND_i + \beta_9 RENDA\_FAM_i + \beta_{10} MORA_i + \beta_{11} MORADIA_i + \beta_{12} NDEPEND_i \quad (1)$$

A variável dependente é o nível de educação financeira (NEF), representado pelas médias de atitude financeira (MP; MR e MG). O modelo foi testado três vezes, alterando apenas a variável dependente (MP, MR e MG). O termo constante  $\alpha_i$  representa o intercepto da regressão. A IDADE representa o número de anos dos respondentes. SEXO é uma variável dummy com valor 1, quando o gênero for masculino e 0, caso contrário. EC é uma variável dummy com valor 1 para o estado civil não solteiro, e 0 caso contrário. ÁREA é uma variável dummy com 1 quando a área for Ciências Sociais Aplicadas, e 0 caso contrário. GRAU é uma variável dummy com valor 1 quando for pós-graduação, e 0 caso contrário. CRA representa a média das notas dos respondentes de acordo com a quantidade de períodos já cursados.

TRAB é uma variável dummy com valor 1 quando o estudante informou que trabalha, e 0 caso contrário. RENDA\\_IND é uma variável dummy com valor 1 quando o estudante tem renda individual de até um salário mínimo, e 0 caso contrário. RENDA\\_FAM é uma variável dummy com valor 1 quando a renda familiar do estudante for de até um salário mínimo, e 0 caso contrário. MORA é uma variável dummy com valor 1 quando o estudante mora com amigos, e 0 caso contrário. MORADIA é uma variável dummy com valor 1 quando o estudante não tem casa própria, e 0 caso contrário. NDEPEND representa o número de dependentes que o respondente tem.

O modelo não apresentou problemas de multicolinearidade e heterocedasticidade, entretanto, o teste para normalidade indicou que os resíduos não seguem uma distribuição normal. Para corrigir o problema da não normalidade, foram rodados modelos de regressões robustas. Ainda, a correção dos outliers da amostra foi realizada por meio da winsorização (Ghosh & Vogt, 2012) das variáveis quantitativas, a um intervalo de confiança de 5%.

## Resultados

A Tabela 2 ilustra a análise descritiva para as afirmações relacionadas à percepção dos discentes sobre o NEF. O NEF médio da amostra baseado na percepção dos estudantes (MP) é de 5,09. Das 32 afirmações que medem a atitude financeira dos estudantes, apenas três delas (AFP12, AFP13 e AFP20) apresentaram resultado inferior a 3,50 (metade da nota), sendo todas referentes a percepção da educação financeira (MP). Para a afirmação AFP12 (Aprendi sobre educação financeira na graduação), a média encontrada é de 2,46; e para a afirmação AFP13 (Aprendi sobre educação financeira na pós-graduação), a média foi de 1,33. Isso indica, portanto, que os cursos de graduação e de pós-graduação são pouco associados pelos alunos como fonte de informação sobre educação financeira. Pode-se inferir que há uma carência e necessidade de abordagens práticas no ensino de educação financeira no ambiente acadêmico, mesmo com a oferta de disciplinas voltadas a gestão das finanças em cursos de determinadas áreas de conhecimento.

Na Tabela 3 é apresentada a análise descritiva para as afirmações que compõem o nível real (MR) de educação financeira dos respondentes. O NEF médio real (MR) da amostra foi de 5,39, superando o NEF médio percepção (MP) de 5,09 (probabilidade de 0,003 no teste Kruskal-Wallis) e resultando num nível médio (MG) de NEF de 5,24 ( $MR + MP / 2$ ). A média geral de NEF na amostra pode ser considerada alta, uma vez que a maior pontuação possível nas questões é 7 e a pontuação média é de 3,5. Conclui-se, portanto, que os estudantes de graduação e de pós-graduação das instituições de ensino superior brasileiras, de diferentes áreas de conhecimento, possuem um bom nível de educação financeira. Os resultados vão além do que foi encontrado pelos trabalhos de Vieira et al. (2011), Alves et al. (2011) e Lopes et al. (2014), em que foram analisados cursos de uma única área específica.

A média inferior de MP em relação à MR indica que os respondentes subestimaram seus conhecimentos sobre educação financeira, já que, na prática, têm atitudes financeiras mais saudáveis do que consideram ter. Esse resultado demonstra que, quando testado para uma amostra maior, a superestimação do NEF pelos estudantes brasileiros, evidenciada no estudo de Ferreira (2017), não se sustenta, fazendo rejeitar a hipótese H1 de pesquisa. Ainda assim, esse resultado está alinhado ao estudo de Huzdik

et al. (2014) que demonstrou que 11% dos estudantes considerados educados financeiramente subestimavam o conhecimento financeiro que tinham. Essa constatação aponta a necessidade de que esforços de conscientização sobre educação financeira sejam realizados junto aos estudantes, pois, a conscientização pode servir de estímulo para que eles busquem evoluir seus NEF's.

**Tabela 2 – Estatística descritiva da percepção do NEF**

<b>Educação Financeira – Percepção (AFP)</b>	<b>Sigla</b>	<b>Obs</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>Mín</b>	<b>Med</b>	<b>Máx</b>
Tenho conhecimentos sobre a liquidez das aplicações financeiras.	AFP1	727	3,60	2,09	1	4	7
Elaboro lista de compras de supermercado.	AFP2	725	5,14	2,03	1	6	7
Uso adequadamente o cartão de crédito.	AFP3	726	5,37	1,93	1	6	7
Faço planejamento financeiro.	AFP4	726	4,89	1,99	1	5	7
Faço uso de cheque especial.	AFP5	727	6,40	1,47	1	7	7
Tenho conhecimento da taxa de juros do cheque especial.	AFP6	727	4,29	2,54	1	5	7
Normalmente pago o valor mínimo da fatura do cartão de crédito.	AFP7	727	5,97	2,00	1	7	7
Tenho muitas dívidas.	AFP8	727	6,06	1,66	1	7	7
Gasto mais do que ganho.	AFP9	727	6,01	1,68	1	7	7
Tenho dívidas referentes a empréstimos obtidos.	AFP10	727	6,39	1,52	1	7	7
Tenho conhecimento sobre educação financeira.	AFP11	725	4,47	1,86	1	5	7
Aprendi sobre educação financeira na graduação.	AFP12	725	2,46	1,95	1	1	7
Aprendi sobre educação financeira na pós-graduação.	AFP13	727	1,33	1,08	1	1	7
Gasto praticamente tudo o que ganho, não costumo poupar.	AFP14	727	5,11	2,13	1	6	7
Sou conservador(a), não me arrisco com investimentos para ganhar mais.	AFP15	727	4,02	2,13	1	4	7
Costumo poupar parte da minha renda.	AFP16	726	4,52	2,19	1	5	7
Sou desligado(a), não tenho controle sobre meus gastos.	AFP17	718	5,89	1,70	1	7	7
Costumo guardar parte dos recursos que ganho, porém sem planos futuros.	AFP18	718	5,01	1,93	1	5	7
Guardo parte dos recursos para gastar conforme planejado.	AFP19	718	4,37	2,08	1	5	7
Os conhecimentos adquiridos no curso que faço me ajudam no meu controle financeiro.	AFP20	718	2,89	2,14	1	2	7
Uso planilhas e/ou aplicativos para efetuar o meu planejamento e controle financeiro.	AFP21	718	3,93	2,52	1	4	7
<b>Média AF Percepção</b>	<b>MP</b>	<b>727</b>	<b>5,09</b>	<b>1,65</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>7</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; AF = atitude financeira; AFP = atitude financeira: percepção; MP = média das questões AFP a até AFP21.

As afirmações “Quando a inflação do país aumenta, decai o poder de compra do consumidor” (AFR26) e “Uma aplicação financeira que retorna 1% ao ano, mesmo que a inflação do período seja de 2%, será vantajosa para o investidor” (AFR27) apresentaram as maiores notas para o NEF real (Tabela 3). Com média de 5,88 para a AFR26, a maioria



dos alunos demonstram ter um NEF adequado, pois com o aumento da inflação o preço dos produtos também aumentam, diminuindo por sua vez o poder de compra do consumidor. A média de 5,87 para AFR27 (questão submetida ao tratamento de dados) mostra que os estudantes compreendem que o retorno líquido de um investimento depende da taxa de inflação no período.

As afirmações sobre NEF Real com menores médias (AFR24 - 3,81; AFR30 - 3,67 e AFR31 - 3,74), indicam que, quando se trata de investimentos em geral, o conhecimento dos estudantes é limitado. Esta constatação aponta para a necessidade de se popularizar as informações sobre investimentos em geral, tal qual ocorre com a temática “inflação”, pois o fato de a inflação ser um tema popular, tratado pelas mídias de tv e rádio, possibilitou que estudantes alcançassem NEFs médios maiores nas respostas as afirmações AFR26 e AFR27.

**Tabela 3 – Estatística descritiva do NEF Real**

Educação Financeira – Real (AFR)	Sigla	Obs	Média	DP	Mín	Med	Máx
Se eu comprar ações de uma empresa, passo a ser dono de parte da empresa e também a ser responsável por suas dívidas.	AFR22	718	4,46	2,30	1	5	7
Se a taxa de juros (Selic) diminui, necessariamente o preço dos títulos também diminui.	AFR23	718	4,81	2,03	1	5	7
Investimentos mais arriscados tendem a fornecer maior retorno ao longo do tempo.	AFR24	718	3,81	2,20	1	4	7
Entre pagar a fatura do cartão de crédito e utilizar o limite do cheque especial, melhor optar por dever o cartão de crédito.	AFR25	718	4,74	2,39	1	6	7
Quando a inflação do país aumenta, decai o poder de compra do consumidor.	AFR26	718	5,88	1,74	1	7	7
Uma aplicação financeira que retorna 1% ao ano, mesmo que a inflação do período seja de 2%, será vantajosa para o investidor.	AFR27	718	5,87	1,50	1	7	7
Os investimentos em ações são, normalmente, mais arriscados do que em títulos públicos.	AFR28	718	5,14	2,06	1	6	7
A aplicação em poupança tem maior liquidez do que a aplicação em títulos públicos.	AFR29	718	5,04	2,19	1	6	7
Títulos de capitalização são mais rentáveis que a aplicação em conta poupança.	AFR30	718	3,67	2,22	1	4	7
Aplicação em títulos de liquidez imediata podem ser resgatados a qualquer tempo, sem prejuízo financeiro para o investidor.	AFR31	718	3,74	2,18	1	4	7
Em geral, o investidor paga imposto sobre o rendimento obtido em aplicações financeiras.	AFR32	718	4,93	2,15	1	6	7
Média Geral AF	MG	727	5,25	1,32	1	5	7
Média AF Real	MR	718	5,39	1,41	1	5,50	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín = mínimo; Máx = máximo; Med = Mediana; AF = atitude financeira; AFR = atitude financeira: real; MR = média das questões AFR22 até AFR32 ; MG = resultado da média da MP e MR.

Na Tabela 4 são apresentadas a média geral (MG), a média de percepção (MP) e a média real (MR) da atitude financeira por área de conhecimento (CAPES, 2018).

A área Ciências da Saúde foi a que apresentou maior MR (5,62) de NEF, ultrapassando inclusive a MR da área Ciências Sociais (5,36) para a qual se espera que os alunos tenham um bom NEF (Lizote & Verdinelli, 2014; Dias, 2017). A MR de Ciências Sociais ficou abaixo da MR de NEF das áreas Ciências Biológicas (5,37), Ciências Exatas e da Terra (5,52), Engenharias (5,53) e Multidisciplinar (5,57), fazendo rejeitar a hipótese H3 desta pesquisa.

Embora as notas de MP (5,33) e MR (5,36) para Ciências Sociais sejam próximas de 7 (nota máxima), indicando o bom nível de educação financeira esperado dos alunos desta área (Lizote & Verdinelli, 2014; Medeiros & Lopes, 2014; Dias, 2017), conclui-se que os alunos de cursos da área de negócios não têm maior NEF que alunos de outras áreas, contrariando o resultado encontrado por Ergün (2017), em que alunos da área de negócios demonstraram ter mais conhecimento financeiro quando comparado com alunos de outras áreas.

**Tabela 4 – Nível de Educação Financeira por área de conhecimento**

Área de Conhecimento	Obs	MG	MP	MR
Ciências Agrárias	42	5,03	4,85	5,14
Ciências Biológicas	8	5,37	5,62	5,37
Ciências Exatas e da Terra	98	5,32	5,14	5,52
Ciências Humanas	52	4,87	4,69	5,15
Ciências da Saúde	71	5	4,66	5,62
Ciências Sociais Aplicadas	322	5,4	5,33	5,36
Engenharias	94	5,31	5,12	5,53
Linguística, Letras e Artes	25	4,78	4,24	5,16
Multidisciplinar	7	5,57	5,57	5,57

Fonte: Dados da pesquisa.

*Nota.* Obs = número de observações; MG = média geral da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira.

Ademais, destacaram-se com maior NEF áreas de saúde e biológica e áreas que atuam com conhecimentos exatos (Ciências Exatas e da Terra e Engenharias) e com menor NEF as áreas não afeitas à conhecimentos exatos – Ciências Agrárias (5,14), Ciências Humanas (5,15) e Linguística, Letras e Artes (5,16). Isso indica, portanto, que áreas que atuam com conhecimentos exatos podem fornecer mais subsídios para que seus alunos desenvolvam habilidades em finanças pessoais, o que pode estar relacionado à maior quantidade de disciplinas de exatas quando comparado a cursos com abordagens

mais teóricas, ou mesmo aqueles inseridos na área de negócios. Isso implica na possibilidade de cursos em que há ausência de disciplinas de exatas aderirem, na grade curricular, o ensino das mesmas.

Na Tabela 5 são apresentados os resultados dos testes de regressão para a Equação 1. Percebe-se que as variáveis que afetam a MP (área de conhecimento, trabalho e renda individual) e MR (sexo e grau de escolaridade) são distintas. A hipótese H4 desta pesquisa foi confirmada, evidenciando que os fatores que afetam a percepção dos estudantes sobre a educação financeira são diferentes daqueles que afetam o nível real.

A área de conhecimento, o fato de o estudante trabalhar e a renda individual são fatores que afetam positivamente a percepção dos estudantes sobre o nível de educação financeira (MP). O resultado significativo da variável Área de Conhecimento (1 - Ciências Sociais Aplicadas e 0 – caso contrário) no NEF percepção, além de corroborar os resultados dos estudos de Lopes et al. (2014), Vieira et al. (2011) e Ergün (2017), confirma a relevância que essa variável tem na mensuração do nível de educação financeira dos estudantes, devendo ser considerada nos estudos que medem NEF. Ela também corrobora as discussões realizadas a partir da hipótese H3 desta pesquisa, em que os resultados evidenciaram que o NEF dos estudantes varia a depender da área de conhecimento analisada.

**Tabela 5 - Regressão Linear Múltipla – Equação 1**

$$NEF_i = \alpha_i + \beta_1 IDADE_i + \beta_2 SEXO_i + \beta_3 EC_i + \beta_4 AREA_i + \beta_5 GRAU_i + \beta_6 CRA_i + \beta_7 TRAB_i + \beta_8 RENDA\_IND_i + \beta_9 RENDA\_FAM_i + \beta_{10} MORA_i + \beta_{11} MORADIA_i + \beta_{12} NDEPEND_i$$

Variáveis	Coef.	MG	MR	MP
Idade	$\beta_1$	-0,029 *	-0,013	-0,023
Sexo	$\beta_2$	0,267 *	0,681 ***	0,049
Estado civil	$\beta_3$	-0,221	-0,172	-0,113
Área de conhecimento	$\beta_4$	0,054	-0,063	0,135 **
Turno	$\beta_5$	-0,008	0,033	-0,080
Grau de escolaridade	$\beta_6$	-0,147	-0,731 ***	-0,065
CRA	$\beta_7$	0,005	0,001	0,007
Trabalho	$\beta_8$	0,723 ***	0,059	0,914 ***
Renda individual	$\beta_9$	0,142 ***	0,003	0,193 ***
Renda familiar	$\beta_{10}$	0,048	-0,008	0,067
Mora com	$\beta_{11}$	0,017	0,005	0,011
Tipo de moradia	$\beta_{12}$	-0,007	0,039	-0,037
Número de dependentes	$\beta_{13}$	-0,138	-0,121	-0,140
_cons		4,304 ***	7,477 ***	2,901
Observações		311	304	311
R2		0,116	0,076	0,115
F		3,699	2,303	2,736

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. MG = média geral da atitude financeira; MR = média real da atitude financeira; MP = média da percepção da atitude financeira. Significância: \* p<.1; \*\* p<.05; \*\*\* p<.01

A variável Trabalho (1 para quem trabalha, e 0 para o contrário) está associada positivamente ao NEF percepção (Tabela 5), indicando que o estudante que trabalha tem maior nível de educação financeira do que aquele que não trabalha (Tabela 6). Estes achados estão de acordo com Vieira et al. (2011), Lizote e Verdinelli (2014), Medeiros e Lopes (2014) e Ferreira (2017) e diferente do que foi encontrado no estudo de Potrich et al. (2015), em que a ocupação não afetou o NEF.

O resultado para a variável renda individual se mostrou equivalente aos achados de Lizote e Verdinelli (2014). Essa variável está associada a um maior nível de educação financeira, indicando que estudantes com renda de até um salário mínimo apresentam maior NEF percepção, em comparação com as demais categorias.

Para o MR de educação financeira, sexo e grau de escolaridade foram as variáveis significantes. Em relação ao sexo, o coeficiente positivo desta variável, em que a categoria de interesse era o gênero masculino, indica que esse gênero está associado a um maior nível de educação financeira, se comparado com o gênero feminino. Este achado corrobora aqueles identificados por Medeiros e Lopes (2014), Potrich et al. (2015), Farrell et al. (2015), Gorla et al. (2016), Bahovec et al. (2017), Bucher-Koenen et al. (2017) e Ergün (2017).

O grau de escolaridade afetou negativamente a MR, indicando que estudantes pós-graduados tem menor nível de educação financeira real do que aqueles com grau de escolaridade inferior, rejeitando assim a hipótese H2 deste estudo. Esse resultado sugere que os estudantes adquirem conhecimento sobre educação financeira na graduação, mas talvez não o utilize após finalizarem a graduação, o que reitera a necessidade de educação continuada. Os resultados são contrários ao que foi encontrado por Ergün (2017), o que pode ser justificado pelo fato de o autor ter analisado estudantes de vários países europeus, enquanto o foco do presente estudo foi a análise de estudantes brasileiros.

De maneira geral (MG), a idade afeta negativamente o NEF dos estudantes, indicando que quanto menor a idade, maior o NEF geral dos estudantes na amostra. A significância dessa variável no modelo estimado para MG ratifica a importância dessa característica na mensuração do NEF, conforme já demonstrado no estudo de Gorla et al. (2016), em que o NEF dos alunos estava relacionado com a idade dos mesmos.

Apesar disso, parece contraditório que estudantes mais jovens tenham sido

associados a maior NEF real. Considerando a faixa (18 a 61 anos) e a média (26 anos) de idade dos respondentes (Tabela 1), esse resultado é um indicativo de que estudantes mais jovens podem ter mais facilidade (ferramentas, habilidades) para adquirir conhecimento financeiro do que estudantes mais velhos. As Universidades podem fortalecer sua atuação como educadora financeira realizando ações voltadas para o desenvolvimento do NEF dos estudantes mais velhos.

Os resultados apresentados a partir da confirmação da H4 da pesquisa demonstra a importância de se escolher adequadamente as características sociodemográficas para mensurar o nível de educação financeira, uma vez que o NEF real e NEF percepção são afetados por variáveis distintas. Por isso, é conveniente que futuros pesquisadores do tema definam objetivamente a medida de NEF a ser utilizada no estudo, para então escolher as variáveis sociodemográficas condizentes com o NEF mensurado.

De forma complementar, este estudo verificou quais são as fontes de promoção da educação financeira dos estudantes. Os resultados estão apresentados na Tabela 6.

**Tabela 6 – Como os estudantes obtiveram o conhecimento sobre Educação Financeira**

Variável	Categorias	Obs	MG	DP	Mín.	Med.	Máx.
Conhecimento Financeiro	Amigos	146	5,27	1,15	2	5	7
	Cursos específicos	148	5,86	1,11	1	6	7
	Família	296	5,25	1,25	1	5	7
	Mídias sociais	299	5,56	1,25	1	6	7
	Prática do dia a dia	393	5,38	1,27	1	5,5	7
	Revistas e jornais	167	5,47	1,24	1	5,5	7
	Trabalho	200	5,4	1,29	1	5,5	7
	Televisão	101	5,29	1,2	2	5	7
	Universidade	267	5,56	1,15	2	6	7
	Não tenho conhecimento financeiro	48	4,18	1,461	1	4	7

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. Obs = número de observações; DP = desvio padrão; Mín. = mínimo; Máx. = máximo; Med. = Mediana; MG = média geral da atitude financeira.

A maioria dos estudantes declararam ter obtido conhecimento financeiro por meio de “Prática do dia a dia”, “Mídias sociais” e a “Família”. A “Universidade” aparece na quarta posição como fonte de conhecimento sobre finanças, indicando que as universidades, enquanto instituições públicas, podem contribuir de forma mais representativa na formação financeira de seus alunos.

## **Considerações Finais**

O presente estudo buscou investigar o nível de educação financeira de estudantes brasileiros a partir da percepção destes sobre o seu conhecimento financeiro e do nível real de educação financeira que possuem. Estes níveis foram comparados entre si e relacionados com as características socioeconômicas dos estudantes, incluindo variáveis pouco exploradas na literatura, tais como a influência do grau de escolaridade e das diferentes áreas de conhecimento no nível de educação financeira dos discentes.

Os resultados para uma amostra de 727 discentes de Instituições de Ensino Superior (IES) de todo o Brasil demonstraram que esses estudantes têm um nível relativamente alto de educação financeira (média geral de 5,25 de um total de 7 pontos). Eles subestimam o conhecimento financeiro que possuem, pois, na comparação do Nível de Educação Financeira (NEF) real (média de 5,39) com a percepção deles sobre o tema (média de 5,09), o NEF real foi superior ao NEF percepção.

Embora os alunos de cursos da área de negócios sejam o principal foco das investigações sobre o tema, o NEF dos estudantes dessas áreas não supera o NEF de estudantes das que atuam com conhecimentos exatos, saúde e ciências biológicas. O NEF inferior para áreas como Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes é um indicativo de que aquelas que atuam com conhecimentos exatos fornecem mais subsídio para que seus alunos desenvolvam habilidade de finanças.

Outros resultados são: as características sociodemográficas que afetam o NEF real e NEF percepção são distintas, o que pode justificar os resultados concorrentes evidenciados em estudos anteriores. Alunos mais jovens (menos idade) podem ter mais facilidade para desenvolver conhecimento financeiro do que alunos mais velhos. Por fim, cursos de graduação e pós-graduação são pouco associados pelos alunos como fonte de aquisição de educação financeira, indicando que as IES podem fortalecer seu papel como instituições de fomento da educação financeira na vida dos estudantes universitários.

Esses resultados evidenciam a importância, para estudos posteriores sobre educação financeira, de se considerar, na mensuração do NEF, não somente a percepção, mas também o nível real de conhecimento financeiro, sob o risco de incorrer em erro de mensuração. Além disso, mostrou-se relevante que os estudos, tendo definido a medida de NEF a ser utilizada na pesquisa, utilizem as características sociodemográficas

adequadas a cada medida, uma vez que o NEF real e NEF percepção são afetados por variáveis distintas.

Ainda, os resultados deste estudo demonstram a importância das universidades como fonte de educação financeira para seus alunos. Dessa forma, é um alerta às universidades para que reforcem sua contribuição para a promoção da educação financeira para a sociedade, a partir da revisão de seus currículos educacionais e também na elaboração e oferta de projetos de extensão voltados para esse tema, que alcance não somente seus discentes, mas também a comunidade interessada.

Estudos futuros podem utilizar outras formas de mensurar o nível de educação financeira e também realizar testes com discentes de instituições privadas. O acompanhamento de um grupo de estudantes desde o ensino médio até a pós-graduação, um experimento longitudinal, também pode trazer resultados relevantes para o entendimento do tema.

## Referências

Alves, R. A., Silva, J. S., & Bressan, A. A. (2011) Educação Financeira de Discentes em Ciências Contábeis: Diagnóstico e Comparação com Universitários Norte-Americanos. In: Anais do II Congresso Nacional de Administração e Ciências Contábeis. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <http://adcont.net/index.php/adcont/adcont2011/paper/viewFile/384/59>

Bahovec, V., Barbic, D., & Palic, I. (2017). The Regression Analysis of Individual Financial Performance: Evidence from Croatia. *Business Systems Research Journal*, 8(2), 1-13. <http://dx.doi.org/10.1515/bsrj-2017-0012>.

Batty, M., Collins, J. M., & Odders-White, E. (2014). Experimental Evidence on the Effects of Financial Education on Elementary School Students' Knowledge, Behavior, and Attitudes. *The Journal Of Consumer Affairs*, 49(1), 69-96. <https://doi.org/10.1111/joca.12058>

Bodvarsson, O. B., & Walker, R. L. (2004). Do parental cash transfers weaken performance in college? *Economics of Education Review*, 23(5), 483-495. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2003.11.009>.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (2018). Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, (3). Recuperado de: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pesquisar?q=Educa%C3%A7%C3%A3o%20financeira>.

Bucher-Koenen, T., Lusardi, A., Alessie, R., & Rooij, M. V. (2016) How Financially Literate Are Women? An Overview and New Insights. *Journal Of Consumer Affairs*, 51(2), 255-283. <https://doi.org/10.1111/joca.12121>

CAPES (2018). Áreas de Conhecimento. Fundação Capes. Recuperado de <https://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>

Cerbasi, G. P. (2005) Dinheiro, os segredos de quem tem: Como conquistar e manter sua independência financeira (Cap. 1, pp. 21-40). São Paulo: Editora Gente.

Cude, B. J., Lawrence, F. C., Lyons, A. C., Metzger, K., Lejeune, E., Marks, L., & Machtmes, K. (2006). College students and financial literacy: What they know and what we need to learn. Conference of the Eastern Family Economics and Resource Management Association. Recuperado de <http://www.fermascholar.org/wp-content/uploads/2013/07/22-college-students-and-fin-literacy.pdf>

Dias, L. O. (2017) A contribuição do curso de Ciências Contábeis para a gestão financeira pessoal (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Goiânia – UFG, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/12277/2/TCCG%20%20Ci%20c3%aancias%20Cont%3%a1beis%20-%20Lucas%20de%20Oliveira%20Dias%20-%202017>

Ergün, K. (2017). Financial literacy among university students: A study in eight European countries. *International Journal Of Consumer Studies*, 42(1), 2-15. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12408>

Farrell, L., Fry, T. R. L., & Risse, L. (2015) The significance of financial self-efficacy in explaining women's personal finance behaviour. *Journal Of Economic Psychology*, 85-99. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2015.07.001>

Fávero, L. P. L., Belfiore, P., Silva, F. L., & Chan, B. L. (2009). Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões, (1ª ed., Cap. 3, pp. 52-57; Cap.5, pp. 110-180). Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda.

Felipe, F. M. P., Oliveira, T. P., & Botinha, R. A. (2016). Educação Financeira: um Mapeamento das Discussões nos Ambientes Acadêmicos de Ciências Contábeis no Horizonte Temporal de 2005 a 2014. *Revista de Auditoria, Governança e Contabilidade*, 4(13), 1-14.

Ferreira, M. T. L. (2017). O nível de educação financeira e finanças pessoais dos alunos da Universidade Federal de Uberlândia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19485/4/NivelEducacaoFinanceira.pdf>



Gavurova, B., Huculova, E., Kubak, M., & Cepel, M. (2017). The State of Students' Financial Literacy in Selected Slovak universities and its Relationship with Active Pension Savings. *Economics & Sociology*, 10(3), 206-219. <http://dx.doi.org/10.14254/2071-789X.2017/10-3/15>

Gorla, M. C., Magro, C. B. D., Silva, T. P., & Nakamura, W. T. (2016). A Educação Financeira dos Estudantes do Ensino Médio de Rede Pública segundo aspectos Individuais, Demográficos e de Socialização. In: *Anais do XVI International Conference in Accounting*. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://congressosp.fipecafi.org/anais/artigos162016/299.pdf>

Ghosh, D., & Vogt, A. (2012). Outliers: An evaluation of methodologies. In *Joint Statistical Meetings*, San Diego, CA. Recuperado de [http://www.asasrms.org/Proceedings/y2012/Files/304068\\_72402.pdf](http://www.asasrms.org/Proceedings/y2012/Files/304068_72402.pdf)

Huzdik, K., Béres, D., & Németh, E. (2014). An Empirical Study of Financial Literacy versus Risk Tolerance Among Higher Education Students. *Econpapers*, 59(4), 444-456.

Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2014). Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: *Anais XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*.

Lopes, A. V., Badio, C. A., Coimbra, J. C. M., Pozzan, L., & Biazoto, R. P. (2014). Alfabetização financeira dos alunos dos cursos de Administração de Empresas, Economia e Ciências Contábeis da FECAP. *Revista Linceu On-line*, 4(5), 53-71.

Mckinney, L., Mukherjee, M., Wade, J., & Shefman, P. (2015). Community College Students' Assessments of the Costs and Benefits of Borrowing to Finance Higher Education. *Sage Publishing*, 43(4), 329-354. <https://doi.org/10.1177/0091552115594669>

Medeiros, F. S. B., & Lopes, T. A. M. (2014). Finanças Pessoais: Um estudo com alunos do curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria - RS. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 7(2). <http://dx.doi.org/10.19177/reen.v7e22014221-251>

Peng, T. C. M., Bartholomae, S., Fox, J. J., & Cravener, G. (2007). The Impact of Personal Finance Education Delivered in High School and College Courses. *Journal of Family and Economic Issues*, 28, 265-284. <https://doi.org/10.1007/s10834-007-9058-7>

Piccoli, M. R., & Silva, T. P. (2015). Análise do Nível de Educação em Gestão Financeira dos Funcionários de uma Instituição de Ensino Superior. *Revista Economia & Gestão*, 15(41), 112-144. <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2015v15n41p112>

Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201501040>

Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6), 1121-1141.

Universidade Federal de Uberlândia (2018). Guia Acadêmico: Engenharia de Computação [PDF]. Recuperado de [http://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/arquivo/guia\\_academico2018\\_1\\_engenharia\\_de\\_computacao\\_uberlandia\\_1.pdf](http://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/arquivo/guia_academico2018_1_engenharia_de_computacao_uberlandia_1.pdf)

Vieira, K. M., Valcanover, V. M., Brutti, F., Trindade, C. R., & Kegler, J. J. (2017). Aprendendo Finanças de Um Jeito Fácil e Divertido: Uma experiência com estudantes de escolas públicas. *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, 12(2), 845-861. <https://doi.org/10.21723/riace.v12.n2.8479>

Vieira, S. F. A., Bataglia, R.T.M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná. *Revista de Administração da Unimep*, 9(3), 61-86. DOI: 10.15600/1679-5350/rau.v9n3p61-86

Xiao, J. J., & Porto, N. (2017). Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. *International Journal Of Bank Marketing*, 35(5), 805-817. <https://doi.org/10.1108/IJBM-01-2016-0009>.